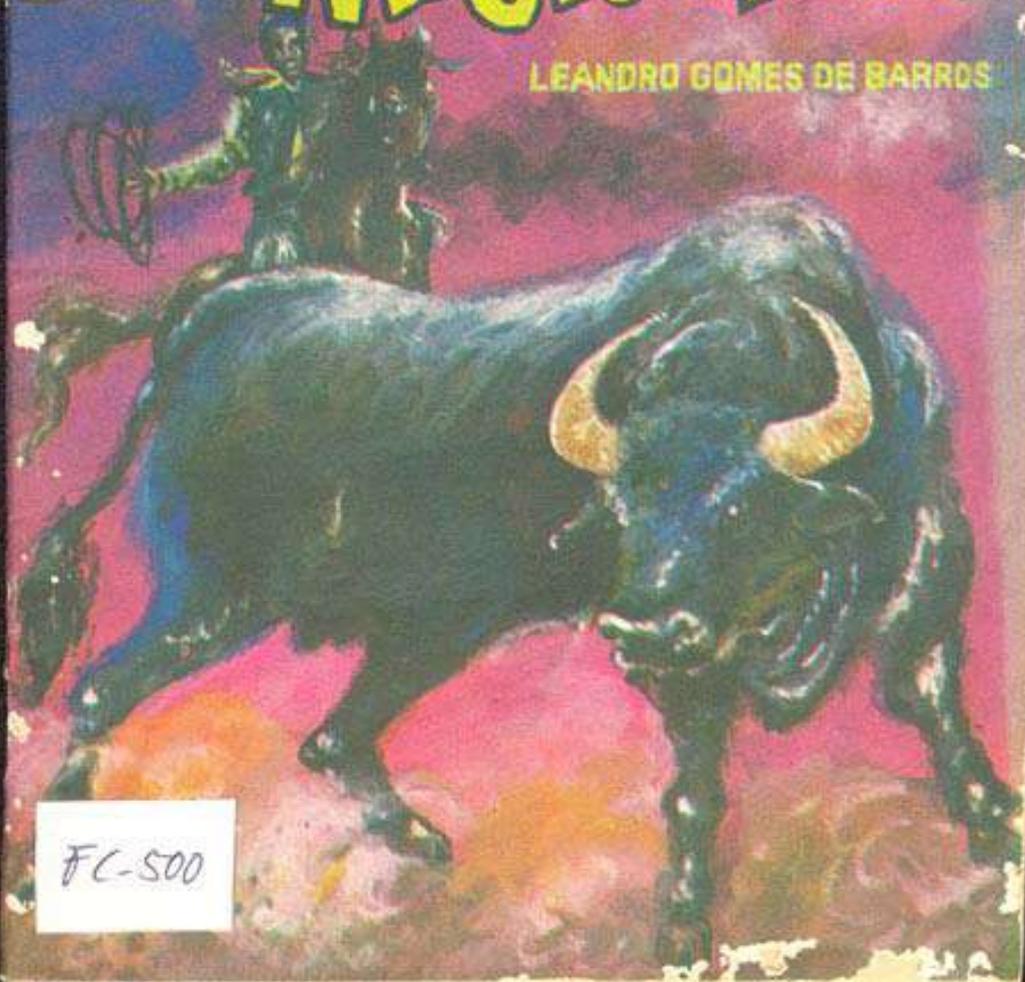


HISTÓRIA DO

# Boi Misterioso

LEANDRO GOMES DE BARROS



FC-500

LEANDRO GOMES DE BARROS

LDCAAS

*Edição  
Vol. I - 478*

★

# HISTÓRIA DO BOI MISTERIOSO

Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei na  
Biblioteca Nacional

*VSPESQ - p. 7 - 2.ª ed.  
- 4.ª ed.  
VCOFBN - p. 7  
DENPVA p. 21 - 5.ª ed.*

★

*Apostilo: LEANDRO*



LUZEIRO EDITORA LIMITADA  
RUA JOÃO BOEMER, 528 - FONE: 93-8558  
C.G.C. 43.826.643/0001 - 03016-SÃO PAULO

LEANDRO GOMES DE BARROS

HISTÓRIA DO BOI MISTERIOSO



Leitor vou narrar um fato  
De um boi da antiguidade  
Como não se viu mais outro  
Até a atualidade  
Aparecendo hoje um dêsses  
Será grande novidade.

Duraram vinte e quatro ano.  
Nunca ninguém o pegou  
Vaqueiro que tinha fama  
Foi atrás dêle chocou  
Cavalo bom e bonito.  
Foi lá porém estancou.

Diz a história: êle indo  
Em desmedida carreira  
Acaso enroscava um chifre  
Num galho de catingueira  
Conforme fôsse a vergôntea  
Arrancava-se a touceira.

Êle nunca achou riacho  
Que de um pulo não saltasse  
E nunca formou carreira  
Que com três légua cansasse  
Como nunca achou vaqueiro  
Que em sua cauda pegasse.

Muitos cavalos de estima  
Atrás dêle se acabaram  
Vaqueiros que em outros campos  
Até medalhas ganharam  
Muitos venderam os cavalos  
E nunca mais campearam.

E preciso descrever  
 Como foi seu nascimento  
 Que é para o leitor poder  
 Ter melhor conhecimento  
 Conto o que contou-me um velho  
 Coisa alguma eu acrescento.

Já completaram trinta anos  
 Eu estava na flor da idade  
 Uma noite conversando  
 Com um velho da antiguidade  
 Em conversa êle contou-me  
 O que viu na mocidade.

Foi em mil e oitocentos  
 E vinte e cinco êste caso  
 Uma época em que o povo  
 Só conhecia o atraso  
 Quando a ciência existia  
 Porém oculta num vaso.

No sertão de Quixelou  
 Na fazenda Santa Rosa  
 No ano de vinte e cinco  
 Houve uma sêca horrorosa  
 Ali havia uma vaca  
 Chamada "Misteriosa".

Isso de Misteriosa  
 Ficou o povo a chamar  
 Porque um vaqueiro disse  
 Indo uma noite emboscar  
 Uma onça na carniça  
 Viu isso que vou narrar.

Era meia-noite em ponto  
 O campo estava esquisito  
 Havia até diferença  
 Nos astros do infinito  
 Nem do nambu nessa hora  
 Se ouvia o saudoso apito.

Dizia o vaqueiro: eu estava  
 Em cima dum arvoredor  
 Quando chegou esta vaca  
 Que me causou até medo  
 Depois chegaram dois vultos  
 E ali houve um sêgrêdo.

O vaqueiro viu que os vultos  
 Foram de duas mulheres  
 Uma delas disse à vaca  
 Parte por onde quiseres  
 Eu protegerei a ti  
 E aos filhos que tiveres.

Ali o vaqueiro viu  
Um touro preto chegar  
Então disseram os vultos  
São horas de regressar  
Disse o touro montem em mim  
Que o galo já vai cantar.

Al clareou a noite  
O vaqueiro pôde ver  
Eram duas moças lindas  
Que mais não podia haver  
O touro era de uma espécie  
Que êle não soube dizer.

Ele então ouviu montar  
Viu quando o touro saiu  
A vaca se ajoelhou  
E atrás dêle seguiu  
Depois veio a onça e êle  
Atirou-lhe ela caiu.

Por isso teve essa vaca  
Dal em diante êsse nome  
Uns chamavam-na feiticeira  
Outro a vaca lobisomem  
Diziam que ela era a alma  
De um boi que morreu à fome.  
O coronel Sezinando  
Fazendeiro dono dela  
Se informando da história  
Não quis que pegassem ela  
Disse que o morador dêle  
Não tirasse leite nela.

No ano de vinte e quatro  
Pouca chuva apareceu  
Em todo sertão do Norte  
A lavoura se perdeu  
Até o próprio capim,  
Faltou chuva não cresceu.  
Então entrou vinte e cinco  
O mesmo verão trincado  
Morreu muita gente à fome  
Quase não escapa o gado  
Escapou alguma rês  
Lá num ou noutro cercado.

A vaca misteriosa  
Não houve mais quem a visse  
O dono não importava  
Que ela também sumisse  
Podia até pegar fogo,  
Que na fumaça subisse.

A vinte e quatro de agosto  
Data esta reciosa  
Que é quando o diabo pode  
Soltar-se e dar uma prosa  
Pois foi nesse dia o parto,  
Da vaca misteriosa.

Dela nasceu um bezerro  
Um pouco grande e nutrido  
Prêto da côr de carvão  
O pêlo muito luzido  
Representando já ter,  
Um mês ou dois de nascido.

Um vaqueiro da fazenda  
Assistiu êle nascer  
Foi a noite a casa grande  
Ao coronel lhe dizer  
O coronel disse então:  
— Se nasceu deixe crescer.

Em março de vinte e seis  
Estava o inverno pegado  
O coronel Sezinando  
Mandou juntar todo gado  
Que êle queria saber,  
Que reses tinham escapado.

Então o misterioso  
Pôde vir no meio do gado  
Trazia o dito bezerro  
Grande e muito bem criado  
O que era de vaqueiro  
Vinha tudo admirado.

Um índio velho vaqueiro,  
Da fazenda do Destêrro,  
Disse ao coronel me falte  
A terra no meu entêrro  
Quando aquela vaca velha  
For mãe daquele bezerro.

Ali mesmo o coronel  
Tomando nota do gado  
Tirou as vacas paridas  
Das que tinham escapado  
Soltou a misteriosa  
Devido ficar cismado.

Com um ano e meio êle tinha  
Mais de seis palmos de altura  
Uns chifres grandes e finos  
Com um palmo de grossura  
O casco dêle fazia,  
Barroca na terra dura.

Sumiu-se o dito bezerro  
 E a vaca misteriosa,  
 Depois de cinco ou seis anos  
 Na fazenda venturosa  
 Viram-no com a marca,  
 Da fazenda Santa Rosa.

O vaqueiro conheceu  
 O boi ser do seu patrão,  
 Viu que havia de pegá-lo  
 Por ser sua obrigação  
 E juntou ambas as rédeas  
 Esporou o alazão.

Partiu em cima do boi  
 Andou perto de pegá-lo  
 Com dezoito ou vinte passos  
 Talvez pudesse alcançá-lo  
 Era sem limite o gósto  
 Que tinha de derrubá-lo.

Mas o boi se fêz no casco  
 E no campo se estendeu,  
 Gritou-lhe o vaqueiro boi  
 Tu não sabes quem sou eu!  
 O boi que boto o cavalo,  
 É carne que apodreceu.

Com menos de meia légua  
 Estava o vaqueiro perdido,  
 Não soube em que instante  
 O tal boi tinha-se ido  
 Estava o cavalo sundo,  
 E já muito esbaforido.

Voltou então o vaqueiro  
 Sem saber o que fizesse,  
 Pensando ao chegar em casa  
 Então que história dissesse  
 Se pegando com os santos:  
 Que o coronel não soubesse.

Contou então o vaqueiro  
 O que se tinha passado  
 Dizendo que aquêle boi  
 Só sendo bicho encantado  
 Se havia mandinga em boi  
 Aquêle era batizado.

No outro dia seguiram  
 Seis vaqueiros destemidos  
 Em seis cavalos soberbos  
 Dos melhores conhecidos  
 Pois só de cinco fazendas  
 Puderam ser escolhidos.

VSPESR

Foi Norberto da Palmeira  
 Ismael do Riachão,  
 Calixto do Pê da Serra,  
 Félix da Demarcação,  
 Benvenuto do Destêrro,  
 Zé Preto do Boqueirão.

Tinha já ido dizer  
 Na fazenda Santa Rosa,  
 Que o vaqueiro Apolinário  
 Da fazenda Venturosa  
 Tinha encontrado com o boi  
 Da vaca misteriosa.

O coronel duvidou  
 Quando contaram-lhe o fato,  
 Disse a pessoa, os vaqueiros  
 Já seguiram para o mato,  
 O coronel foi atrás,  
 Saber se aquilo era exato.

Disse então Apolinário  
 Que andava campeando  
 Viu um boi preto bem grande  
 E dêle se aproximando  
 Viu no lado esquerdo o ferro  
 Do coronel Sezinando.

Pois bem, disse o coronel  
 Esse garrote encantado  
 Quando desapareceu  
 Inda não estava ferrado  
 Foi-se orelhudo de tudo,  
 Nem sequer estava assinado.

Pois tem na orelha esquerda  
 Três mesas e um canzil,  
 Tem na orelha direita  
 Brinco lascado e funil  
 O ferro de Santa Rosa,  
 Está nêle a marca buril.

Foram onde Apolinário  
 À tarde o tinha encontrado  
 Pouco adiante estava ãe  
 Numa malhada deitado  
 Levantou-se lentamente,  
 Como quem estava enfadado.

Aí tratou de partir  
 Em desmedida carreira  
 O coronel Sezinando  
 Disse ao vaqueiro Moreira  
 Aquêle não há quem pegue;  
 Voltemos pois é asneira.

Disse o vaqueiro Norberto  
Eu posso não o pegar  
Porém só me desengano  
Quando o cavalo cansar  
Nunca vi boi na igreja,  
Para padre o batizar.

Norberto tinha um cavalo  
Chamado "Rosa do Campo"  
Calixto do Pé da Serra,  
Um chamado "Pirilampo"  
O de Apolinário "Nisce"  
Era de raça de pampo.

O do vaqueiro Israel  
Chamava-se "Perciano"  
O do Índio Benvenuto  
Chamava-se "Soberano"  
Félix tinha um poldro preto  
Chamado "Riso do Ano".

O do vaqueiro Zé Preto  
Tinha o nome de Calixto,  
Dentre todos os cavalos  
Aquêlê era o mais bonito  
Era filho de um cavalo  
Que trouxeram do Egito.

Era meio dia em ponto  
Quando formaram carreira  
O boi fazia na frente  
Uma nuvem de poeira  
Nos riachos êle pulava  
De uma a outra barreira.

Zé Preto do Boqueirão  
Foi quem mais se aproximou  
Quase pega-lhe a cauda  
Porém não o derrubou  
Ficou tão contrariado  
Que depois disso chorou.

Dizia que nunca viu  
Em boi tanta ligeireza  
Como no cavalo dêle  
Nunca viu tanta destreza  
E disse que um boi daquele  
Para um sertão é grandeza.

Perguntou o coronel  
O boi será encantado?  
Não senhor disse Zé Preto  
Isso de encanto é ditado  
È boi como outro qualquer  
Só tem que foi bem criado.

Eram seis horas da tarde  
 Já estava tudo suado  
 Não havia um dos cavalos  
 Que não estivesse ensopado  
 Porque mais de cinco léguas  
 De um fôlego tinha tirado.

O coronel Sezinando  
 Disse vamos descansar  
 Vaqueiro de agora em diante  
 Tem muito em que se ocupar  
 Eu só descanso a meu gôsto  
 Quando esse boi se pegar.

Disse o Índio Benvenuto  
 Coronel se desengane  
 Esse boi não é pegado  
 Nem que o diabo se dane  
 Cavalos não chega a êle  
 Inda que por mais se engane.

Tenho sessenta e dois anos  
 Em cálculo não tenho um erro  
 E disse que me faltasse  
 O chão para o meu entêro  
 Quando aquela vaca fôsse,  
 A mãe daquele bezerro.

Disse o coronel você  
 É um caboclo cismado  
 Não deixa de acreditar  
 Nisso de boi batizado  
 E mesmo aquêle não é,  
 O tal bezerro encantado.

Não é? Ora não é!  
 Veremos se êle é ou não  
 Vossa senhoria ajunte  
 Os vaqueiros do sertão  
 Do Rio da Prata ao Pará  
 E depois me diga então.

Disse o coronel caboclo  
 Zé Prêto não pegou êle?  
 Ora pegou coronel  
 Mas não sabe quem é êle  
 Dou a vida se houver um  
 Que traga um cabelo dêle.

Eu digo com consciência  
 Senhor coronel Sezinando  
 O boi é misterioso  
 Para que estar lhe enganando  
 O boi é filho de um gênio  
 Uma fada o está criando.

A mãe d'água do Egito  
Foi quem deu-lhe de mamar  
A fada de Borborema  
Tomou-o para criar  
Na Serra do Araripe  
Foi êle se batizar.

O coronel Sexinando  
Dizia eu não acredito  
Na fada de Borborema  
E na mãe d'água do Egito  
Gênio e fada para mim  
É um dito esquisito.

Quarenta e cinco vaqueiros  
Saíram para pegá-lo,  
Dizia o índio só hoje  
Eles podiam encontrá-lo  
No dia de sexta-feira  
Duvido de quem achá-lo.

E de fato nesse dia  
Nem o rastro dêle viram  
Voltaram para a fazenda  
No outro dia partiram  
As nove horas do dia  
No rastro dêle seguiram.

Na garganta de uma serra  
Acharam êle deitado  
Na sombra de uma aroeira  
Estava ali descuidado  
Pulou instantâneamente  
Na rapidez de um veado.

O boi entrou na castinga  
Que não procurava jeito  
Mororó jurema branca  
Ele levava de oito  
Rolava pedra nos cascos  
Levava angico no peito.

Disse Fernandes de Lima  
Um dos vaqueiros paulistas  
De todos êsses cavalos  
Não há mais um que resista  
Dormimos aqui convém  
Ninguém perdê-lo de vista.

Dormiram todos ali  
Naquele tempo tão vasto  
Pearam a cavalgada  
Deixaram ganhar ao pasto  
As seis horas da manhã  
Seguiram logo no rastro.

O cavalo soberano  
Ao ver o rastro do boi  
Gemeu pulou para trás  
E o índio gritou oi!  
Deixou os outros vaqueiros  
Correu para trás se foi.

Disse o Índio Benvenuto  
Eu não posso campear  
O cavalo está doente  
É preciso descansar  
Faz muitos dias que corre  
E eu preciso voltar.

Então disse o coronel:  
— Existe aqui um mistério  
Antes de haver este boi  
Você não era tão sério?  
Você faz do boi uma alma  
E do campo um cemitério.

Benvenuto respondeu  
Haja o que houver vou embora  
Querendo me dispensar  
Pode me dizer agora  
Vá quem quiser eu não vou  
Não posso mais ter demora.

Andaram duzentos metros  
Logo adiante foram vendo  
Um vaqueiro disse olhe  
O boi ali se lambendo  
Também não houve um vaqueiro  
Que não partisse correndo.

O campo tinha uma régua  
Sem ter nêle um pé de mato  
O boi corria tanto  
Que só veado ou um gato  
Então fazia uma sombra  
Pouco maior que a de rato.

Dissê o Lopes do Exú  
Juro a fé de cavalheiro  
Não sairei mais de casa  
Chamado por fazendeiro  
Vendo o cavalo e a sela  
E deixo de ser vaqueiro.

As cinco horas da tarde  
Pretenderam regressar  
Então os cavalos todos  
Não podiam mais andar  
Os vaqueiros não podiam  
Tanta fome suportar.

Voltaram para a fazenda  
E tornaram a contratar  
A 21 de novembro:  
Cada um ali chegar  
O coronel Sezinando  
Mandaria avisá-los.

O coronel Sezinando  
Homem muito caprichoso  
Tirou três contos de réis  
Disse: — É para o venturoso  
Que venha a esta fazenda  
E pegue o Boi Misterioso.

A vinte e um de novembro —  
Venceu-se o trato afinal  
A fazenda Santa Rosa  
Estava como um arraial  
Ou uma povoação  
Numa noite de Natal.

Já um criado chamava  
O povo para o almoço  
Quando viram ao longe um vulto  
Divulgaram ser um moço  
Então vinha num cavalo  
Que parecia um colosso.

Era um cavalo caxito  
Tinha uma estrêla na festa  
Vaquejada que éle ia  
Ali tornava-se em festa  
Ganhou numa apartação  
Nome de "Rei da Floresta".

Chegou então o vaqueiro  
Saudou a todos ali  
Perguntou qual dos senhores  
É o coronel aqui  
Apontaram ao coronel  
Disseram: — É esse aí.

O coronel perguntou-lhe:  
— De que parte és cavaleiro,  
Eu sou de Minas Gerais  
Disse o rapaz sou vaqueiro  
Vim porque soube que aqui  
Existe um boi mandingueiro.

Disse o coronel: — Existe  
Esse boi misterioso  
Tem-se corrido atrás dele  
Ele sai vitorioso  
Já tem saído daqui  
Vaqueiros até desgostosos.

Queria ver esse boi  
 Disse sorrindo o vaqueiro  
 Tenho vinte e quatro anos  
 Nunca vi boi feitiço  
 Disse o coronel pegando-o  
 Ganha avultado dinheiro.

Quem pegá-lo em pleno campo  
 Disse ai o coronel  
 Ganhará pago por mim  
 Um relógio e um anel  
 Tem mais três contos de réis  
 Em ouro, prata ou papel.

Salvo se alguém o pegar  
 Quando ele estiver doente  
 Ou lhe atirando de longe  
 Isso é coisa indiferente  
 Há de pegar pelo pé  
 Ele bom perfeitamente.

Disse o moço não aceito  
 Objetos nem dinheiro  
 Eu só desejo ganhar  
 A vitória de um vaqueiro  
 Esse seu menor criado  
 É filho de um fazendeiro.

Descansaram o dia de sábado  
 Domingo, segunda e terça  
 Disse o coronel: — À tarde  
 Quem fôr vaqueiro apareça  
 Sairemos quarta-feira  
 Antes que o dia amanheça.

Na quarta-feira seguiu  
 Como tinha contratado  
 O povo que o coronel  
 À tarde tinha avisado  
 Eram dez horas do dia  
 Inda acharam o boi deitado

Disse o vaqueiro de Minas  
 Perdi de tudo a viagem  
 Eu pegando um boi daquele  
 Não conto por pabulagem  
 Para o cavalo que venho  
 Inda dez não é vantagem.

Pensei que fôsse maior  
 Segundo o que ouvi falar  
 Parece até um garrote  
 Que criou-se sem mamar  
 Um bicho manso daquele  
 Faz pena até derrubar.

Porém o cavalo aí  
Viu o boi se levantar  
Estremeceu e bufou  
Afastou e quis se acuar  
Que deu lugar ao vaqueiro  
Daquilo desconfiar.

Aí chegou-lhe as esporas  
E o cavalo partiu  
Em menos de dois minutos  
O boi também se sumiu  
Deu uns três ou quatro pulos  
Ali ninguém mais o viu.

O boi entrou na caatinga  
E o vaqueiro também  
Por dentro do cipoal  
Que não passava ninguém  
Tanto que o coronel disse  
Ali não escapa ninguém.

Eram seis horas da tarde  
Estava o grupo reunido  
Sem saberem do vaqueiro  
Que atrás do boi tinha ido  
Via-se a batida apenas  
Por onde tinha seguido.

Um dizia êle morreu  
Outro que tinha caído  
Outro dizia o vaqueiro  
Arrisca-se ter fugido  
Não pôde pegar o boi  
Voltou de lá escondido.

Acenderam o facho e foram  
Por onde tinham entrado  
Acharam sempre roteiro  
Por onde tinham passado  
O coronel Sezinando  
Já ia desenganado.

Passava da meia-noite  
Gritaram êle respondeu  
O coronel acalmou-se  
E disse êle não morreu  
Porém o grito era longe  
Que quase não se entendeu.

Três horas da madrugada  
Foi que puderam o achar  
Mas o cavalo caído  
Sem poder se levantar  
E êle contrariado  
Sem poder quase falar.

O coronel perguntou-lhe  
O que tinha sucedido  
Respondeu que tal desgraça  
Nunca tinha acontecido  
Dizendo antes caisse  
E da queda ter morrido.

O cavalo em que eu vim  
Ninguém nunca viu cansado  
Correu um dia seis léguas  
Inda não chegou suado  
E da carreira de hoje  
Ficou inutilizado.

Não volto a Minas Gerais  
Porque chego com vergonha  
Os vaqueiros lá esperam  
Uma noticia risonha  
Eu chegando lá com essa  
Dão-me uma vaia medonha.

Menos de cinquenta passos  
Inda me aproximei dêle,  
Inda estirei a mão  
Mas não pude tocar nêle  
Apenas posso dizer  
Não sei que boi é aquêle.

Nunca vi bicho correr  
Com tanta velocidade  
Só lampejo de relâmpago  
Em noite de tempestade  
Nem peixe n'água se move  
Com tanta facilidade.

Ele é um boi muito grande  
Tem o corpo demasiado  
Não sei como corre tanto  
Dentro de um mato fechado  
Por isso é que muitos pensam  
Que seja um boi encantado.

O coronel disse ai  
Acho bom tudo voltar  
Disse o vaqueiro de Minas  
Não precisa descansar  
Vejam se dão-me um cavalo  
Que vou me desenganar.

O coronel Sezinando  
Chamou Mamede Veloso  
Lhe disse Mamede vá  
A Fazenda do Mimoso  
Diga ao vaqueiro que mande  
O cavalo "Perigoso".

Diga que mate uma vaca  
 Leve queijo e rapadura  
 E vá esperar por nós  
 Na Fazenda da Bravura  
 Diga que somos sessenta  
 Leve jantar com fartura.

O vaqueiro cumpriu tudo  
 Que seu amo lhe ordenou,  
 Deu o cavalo a Mamede  
 Puxou a vaca e matou  
 As onze horas do dia  
 Então Mamede chegou.

Trouxe o cavalo cardão  
 Com a espécie de rudado  
 Disse o vaqueiro de Minas  
 Oh! Bicho de meu agrado  
 Lhe disseram o nome dela,  
 Foi muito bem empregado.

O vaqueiro levantou-se  
 Com o guarda peito no ombro  
 Se aproximou do cavalo  
 Passou-lhe a mão pelo lombo  
 O cavalo deu um sópro,  
 Que quase causa-lhe assombro.

Então o vaqueiro disse  
 Eu vou experimentar,  
 Se o cavalo Perigoso  
 Presta para campear  
 Disse então o coronel  
 Cuidado quando montar.

Veja que ele já matou  
 Com queda quatro vaqueiros  
 Os que causaram mais pena  
 Foram dois piauízeiros  
 Então respondeu o Sérgio  
 Não eram bons cavalheiros.

Quando o vaqueiro montou  
 O cavalo se encolheu  
 Chegou-lhe ainda as esporas  
 O sangue logo desceu  
 Quase três metros de altura  
 Ele da terra se ergueu.

Mas o cavaleiro era destro  
 Ali não desaprumou  
 Chegou-lhe ainda as esporas.  
 Ele de nôvo pulou  
 Esse pulo foi tão grande  
 Que tudo se admirou.

VEOFEN

Fêz uma curva no salto.  
 Tirou pelos quarto a sela,  
 O vaqueiro era um herói  
 Saltou aprumado nela  
 Dizendo hoje achei um testo  
 Que deu na minha panela.

Saltou mas não afrouxando  
 Ambas as rédias do cavalo  
 Sabia que se soltasse  
 Ninguém podia pegá-lo  
 Dizendo o cavalo serve  
 Vou logo experimentá-lo.

Selou de nôvo o cavalo  
 E tornou a se montar  
 Tanto que o coronel disse  
 Este sabe cavalgar  
 O cavalo conheceu  
 Ali não quis mais saltar.

Passava do meio-dia  
 Quando os vaqueiros saíram  
 Acharam o rastro do boi  
 Todos sessenta seguiram  
 Adiante encontraram êle,  
 No limpo que todos viram.

Sérgio o vaqueiro de Minas  
 Foi o primeiro que viu  
 Perguntou será aquêle  
 Que lá do mato saiu?  
 Todos disseram é aquêle  
 Ai o Sérgio partiu.

Beu de espora no "Perigoso"  
 E nada mais quis dizer  
 O boi olhou para o povo  
 Também tratou de correr  
 O mato abriu e fechou  
 Ninguém mais o pôde ver.

Então quando o boi correu  
 Procurou logo a montanha  
 Todos disseram: hoje o boi  
 Talvez não conte façanha  
 O cavalo perigoso  
 Agora fica sem manha.

Com meia légua se ouvia  
 Galho de pau estalar,  
 Atropelada do boi  
 Pedra de monte a rolar  
 Se ouvia perfeitamente  
 O Perigoso bufar.

Entraram os vaqueiros e o boi  
No mato mais esquisito  
De quando em vez o vaqueiro  
Por sinal soltava um grito  
Tanto que o coronel disse  
Já vi campear bonito.

O boi subiu a montanha  
Sem escolher por onde ia,  
E o vaqueiro já perto  
De vista não o perdia  
O cavalo "perigoso",  
Com mais desejo corria.

Descambaram a serra verde  
O boi entrou num baixio  
Depois subiu a campina  
Entrou na ilha dum rio  
Em lugar que outro vaqueiro  
Em olhar sentia frio.

Porém o vaqueiro disse  
Aonde entrares eu entro,  
Se tu entrares no mar  
Viro-me em peixe vou dentro  
Alguém que fôr procurar-me  
Acha-me morto no centro.

O boi com facilidade  
O trancadilho rompeu  
Quase no centro do vão  
O vaqueiro conheceu  
O cavalo Perigoso,  
Da carreira adoeceu.

Diabo! Disse o vaqueiro  
Está doente o Perigoso,  
Ah! Boi do diabo enfim  
Te chamas Misterioso  
Eu puxei a meu avô,  
Que morreu por ser teimoso.

Voltou para o campo limpo  
O cavalo tão suado  
Com um talho no pescoço  
Um casco quase furado  
De forma que o vaqueiro  
Não pôde voltar montado.

As oito horas da noite  
Vieram os outros chegar  
A estrada que o boi fêz  
Deu para tudo passar  
Cinquenta e nove cavalos,  
Sem nem um se embarçar.

Colega cadê o boi?  
 Perguntou o Sezinando  
 O Sérgio se levantou  
 E respondeu espumando  
 Coronel eu já pensei  
 Que só me suicidando.

— Suicidar-se por quê?

O Sérgio então respondeu:

— O coronel não está vendo

O que já me sucedeu?

Matei meu cavalo aqui

Inutilizei o seu.

Disse o coronel faz pena  
 Perigoso se acabar  
 Porém é nosso paguei-o  
 Ninguém mais vem o cobrar  
 E dou vinte pelo o seu  
 Se dois ou três não pagar.

Eram sessenta cavalos

Uns de diversos sertões

E todos esses não iam

A tôdas apartações

Em vaquejadas garbosas

Mostraram lindas ações.

Havia um cavalo russo  
 Chamado Paraibano  
 Carioca, Rio-grandense  
 Paturí e Pernambucano  
 Paulista e Vitoriense  
 Flor do Prado e Sergipano.

Pombo Rocho e Papagaio,

Flor do Campo, Catingueiro,

Socó Boi, Canário Verde,

Patola e Piauízeiro,

Águia Branca e Bem-te-vi,

Flecha Peixe e Campineiro.

E os outros que aqui não posso

Seus nomes mencionar

Era também impossível

Quem me contou se lembrar

É melhor negar o nome

Do que depois enganar.

Não tinha um desses todos

Que não fôsse conhecido

Em diversas vaquejadas

Não já tivesse corrido

Até seus donos já tinham

Medalhas adquerido.

Voltaram para a Bravura  
 Onde a gente era esperada  
 Ainda estavam esperando  
 O povo da vaquejada  
 Mas não houve um dos vaqueiros  
 Que se servisse de nada.

Assim que deu meia-noite  
 Foram para Santa Rosa  
 A mulher do coronel  
 Os esperava ansiosa  
 Sabia que a vaquejada  
 Era muito perigosa.

Quando foi no outro dia  
 Depois de terem almoçado  
 Disse o Sérgio: — Coronel  
 Eu estou causando cuidado  
 Me arrume qualquer cavalo  
 Ou vendido ou emprestado.

O coronel mandou ver  
 Um cavalo e lhe ofereceu  
 Foi ver um conto de réis  
 Em ouro e em prata lhe deu  
 Ele pedindo licença  
 Não quis e lhe agradeceu.

Eu vim atrás dêsse boi  
 Não devido ao dinheiro  
 Eu vim porque tenho gosto  
 Nessa vida de vaqueiro  
 Se eu não morrer ainda mostro  
 Quanto vale um cavalheiro.

O coronel disse a êle  
 Eu fico penalizado  
 Não digo que se demore  
 Porque seu pai tem cuidado  
 Veja se volta em janeiro  
 Que me acho preparado.

Então o Sérgio saiu  
 Não pode se demorar  
 O coronel Sezinando  
 Não deixa de pensar  
 Porque forma aquê boi  
 Ninguém podia pegar.

Chamou o escravo e lhe disse  
 Monte num cavalo e vá  
 A Fazenda do Destêrro  
 Diga ao vaqueiro de lá  
 Que eu mando dizer a êle  
 Que sem falta venha cá.

OEN PVQ

O escravo cumpriu todo  
 O dever de portador  
 Achou a casa fechada  
 Perguntou a um morador  
 Se sabia do vaqueiro  
 Esse disse: — Não senhor.

Então o morador disse:

Na noite de sexta-feira  
 O índio foi ao curral  
 Deixou aberta a porteira  
 Saiu montado a cavalo  
 E levou a companheira.

Volton o escravo e disse  
 Tudo que tinha sabido  
 Que na sexta-feira à noite  
 O índio tinha saído  
 E carregou a mulher  
 Como quem sai escondido.

Inda vá mais essa agora!

O coronel exclamou  
 Aquêlê bruto saiu  
 E não me comunicou  
 Que diabo teve êle  
 Que até o gado soltou?

No outro dia foi lá  
 Achou a casa fechada  
 Então a porta da frente  
 Tinha ficado cerrada  
 Até a mala de roupa  
 Inda estava destrancada.

O fazendeiro com isso  
 Ficou muito constrangido  
 Pensava logo em crime  
 Que pudesse ter havido  
 O individuo não tinha causa  
 Porque saísse escondido.

Então mandou gente atrás  
 Pelo mundo a procurar  
 Não achou uma pessoa  
 Que dissesse eu vi passar  
 Em todo sertão que havia  
 Ele mandou indicar.

Então o povo dizia  
 Que o índio era feiticeiro  
 E uma fada pediu-lhe  
 Que não fosse mais vaqueiro  
 A fada transformou êle  
 Em um veado galheiro.

Os faladores diziam  
Que ele foi assassinado  
E talvez o coronel  
Tivesse mesmo mandado  
Matar ele e a mulher  
Para ficar com o gado.

Outros diziam ao contrário  
Até juravam que não  
Os dois cavalos do índio  
Aonde botaram então  
Mesmo assim o coronel  
Não fazia aquela ação.

Bem encostadinho ao índio  
Uma velha fiandeira  
Morava numa casinha  
E fiava a noite inteira  
Disse que quase se assombra  
Ali numa sexta-feira.

Disse: à meia-noite em ponto  
Eu inda estava fiando  
Em casa de Benvenuto  
Eu ouvia gente falando  
Espiei por um buraco  
Vi chegar um boi urrando.

A velha disse Deus mande  
A cascavel me morder  
Se de lá de minha casa  
Não ouvi o boi dizer  
Boa-noite Benvenuto  
Eu só venho aqui te ver.

O boi disse outras palavras  
Que eu de lá não pude ouvir  
O caboclo e a mulher  
Disso ficaram a sorrir  
O boi, o índio e a mulher  
Todos eu vi sair.

Ai fui guardar o fuso  
E a cesta de algodão  
Credo em cruz! dizia eu  
Aquilo é arte do cão  
São coisas do fim do mundo  
Bem diz Frei Sebastião.

O coronel a princípio  
Inda não acreditou  
Porém depois refletia  
Uma ação que o índio obrou  
Quando rastejava o boi  
O índio não foi, voltou.

Então dêse dia em diante  
Ali ninguém mais o viu  
Não houve mais quem soubesse  
Aonde êle se sumiu  
Foi igualmente a fumaça  
Que pelo ares subiu.

Como o índio e a mulher  
Tudo desapareceu  
Tanto que diziam muito  
Que o diabo os escondeu  
Durante dezesseis anos  
Novas dêle ninguém deu.

Sérgio o vaqueiro de Minas  
Todos os meses escrevia,  
Perguntando ao coronel  
Se o boi ainda existia.  
Dizendo quando quiser,  
Escrevia marcando o dia.

Fazia dezesseis anos  
Que o boi estava sumido  
Até por muitas pessoas  
Ele já estava esquecido  
Quase todos já pensavam,  
Que êle tivesse morrido.

O coronel Sezinando  
Tinha como devoção  
Festejar todos os anos  
A imagem de São João  
Todo ano era de festa,  
Não havia exceção.

Uma noite de São João  
Na fazenda Santa Rosa;  
Só a noite de Natal  
Estaria tão venturosa  
Porque em todo sertão,  
Aquela era a mais garbosa.

Três classes all dançavam  
Em redobrada alegria,  
No salão da casa grande  
Os lordes de freguesia:  
Em latadas de capim  
A classe pobre que havia.

O leitor deve saber  
Do estilo do sertão,  
O que não fizer fogueira  
Nas noites de São João  
Fica odiado do povo  
Tem fama de mau cristão.

O coronel Sezinando  
Derrubou uma aroeira  
E vinte e oito pessoas  
Carregou essa madeira  
Para o pátio da fazenda  
E fizeram uma fogueira.

Estava a noite vinte e três  
Do mês do Santo Batista  
Como outra no sertão  
Nunca tinha sido vista  
Só faltava a música,  
Discurso e fogo-de-vista.

Estava o povo todo ali  
Uns dançando e outros bebendo  
Um prazer demasiado  
Em tudo estava se vendo  
Mais de cinqüenta pessoas  
Assando milho e comendo.

Meia-noite mais ou menos  
Pôde o povo calcular  
O galo pai do terreiro  
Estava perto de cantar  
Quando viram um touro preto  
No pátio se apresentar.

Meteu os cascos na terra  
Cubriu-se tudo com poeira  
Soltou um urro tão grande  
Que ouviu-se em tôda ribeira  
Deixou em cima da casa  
Tôda a brasa da fogueira.

Dos cachorros da fazenda  
Nem um sequer acudiu  
O gado urrava de medo  
Parte do povo fugiu  
O coronel Sezinando  
Foi o único que saiu.

Ainda viu o vulto dêle  
Que pelo pátio ia andando  
Chamou os cachorros todos  
Esses fugiram uivando  
O povo todo em silêncio  
Já muitos se retirando.

Então acabou-se a festa  
O povo se debandou  
Os moradores de perto  
Lá um ou outro ficou  
Aquêles clarão garboso,  
Em escuro se tornou.

No outro dia às dez horas  
 O coronel Sezinando  
 Estava com sua mulher  
 No alpendre conversando  
 Quando o Índio Benvenuto  
 Chegou e foi se apeando.

O coronel exclamou:  
 Índio velho desgraçado  
 Você saiu escondido,  
 Me dando tanto cuidado  
 Por sua causa até hoje  
 Eu vivo contrariado.

Então perguntou o índio  
 Pegaram o misterioso?  
 Que atrás até morreu  
 O cavalo Perigoso?  
 Respondeu o coronel;  
 Sumiu-se aquele tihoso.

Então disse o coronel  
 Você hoje há de dizer  
 Aquêlê boi o que é  
 Que só você pode saber,  
 Se fizer êste favor,  
 Tenho que agradecer.

De nada sei, coronel,  
 O índio lhe respondeu...  
 Sabe, disse o coronel,  
 E contou o que se deu;  
 Disse; quando o boi sumiu-se  
 Você desapareceu.

Eu andava viajando!  
 Disse o Índio Benvenuto;  
 Respondeu-lhe o coronel:  
 Mas você é muito bruto...  
 Que motivo foi que houve  
 Que você saiu oculto?

No motivo há um segredo  
 Que não posso revelar...  
 E o Boi Misterioso  
 Voltou ao mesmo lugar  
 Anda aí publicamente  
 Quem quiser pode o pegar.

Eu atrás dêle não vou  
 Não trago ninguém em engano  
 Pois não quero desgostar  
 Meu cavalo Soberano;  
 Por eu ir lá uma vez  
 Tive castigo de um ano.

Zé Prêto do Boqueirão  
Naquela hora chegou...  
Perguntou ao coronel  
O que foi o que se passou?  
Respondeu o coronel:  
Foi o cão que se soltou.

Disse Zé Prêto: — Eu também  
Venho aqui bem receioso,  
O coronel me conhece  
Vê que não sou mentiroso,  
Inda agora quando vinha  
Vi o Boi Misterioso.

Na Malhada do Balão  
Passei, vi êle deitado,  
Foi o boi que veio aqui  
Eu fiquei desconfiado  
Porque vi um chifre dêle  
E parece estar queimado.

Sêrgio, o vaqueiro de Minas,  
Nesse momento chegou...  
Disse: — Senhor coronel  
As suas ordens eu estou  
Pois recebi o recado  
Que o coronel me mandou.

Disse o Sêrgio: — Eu recebi  
Do coronel um recado  
Que no dia vinte e sete  
Estava o povo contratado  
Pois o Boi Misterioso  
Tinha já sido encontrado.

Então disse o coronel  
Que o recado não mandou  
Ali contou a miúdo  
A cena que se passou  
E disse: — Zé Prêto agora  
Me disse que encontrou.

Nisso chegou um vaqueiro,  
Um caboclo curiboca,  
O nariz grosso e roliço  
Da forma de uma tabóca,  
Em cada lado do rosto  
Tinha uma grande pipóca.

Bom dia, sr. coronel!  
Disse o tal recém-chegado...  
Tenha o mesmo o cavalheiro,  
Respondeu desconfiado,  
Dizendo, dentro de si:  
— De onde é êste danado?

O coronel perguntou-lhe  
 De que parte é cavalheiro?  
 — Do sertão de Mato Grosso,  
 Respondeu o tal vaqueiro...  
 — A que negócio é que vem?  
 Perguntou-lhe o fazendeiro.

Venho á vossa senhoria  
 A mandado do patrão  
 Ver um Boi Misterioso  
 Que existe neste sertão,  
 O coronel quer que pegue  
 Me dê autorização.

Meu patrão é bom vaqueiro,  
 Disse-lhe o desconhecido,  
 Soube que desta fazenda  
 Um boi tinha se sumido  
 Mandou-me ver se êsse boi  
 Já havia aparecido.

E se o coronel quisesse  
 Que eu fôsse ao campo pegá-lo  
 Eu garanto ao coronel  
 Vendo-o, hei-de derrubá-lo,  
 O patrão por segurança  
 Mandou-me neste cavalo.

Este cavalo não sai  
 Daqui desmoralizado,  
 Neste só monta o patrão  
 Ou eu quando sou mandado;  
 É um poldro, está mudando  
 Porém é condecorado.

O cavalo era mais preto  
 Do que uma noite escura,  
 Até os outros cavalos  
 Temiam aquela figura,  
 O corpo muito franzido  
 Com oito palmos de altura.

Tinha os olhos côr-de-brasa  
 Os cascos como formão  
 Marcados com sete rodas  
 Da junta do pé a mão  
 E tinha do lado esquerdo,  
 Sete sinais de salomão.

Pois bem disse o coronel  
 Amanhã temos de ir,  
 Mando avisar os vaqueiros  
 Creio que tudo há de vir  
 As seis horas da manhã  
 Nós havemos de seguir.

Cinquenta e nove vaqueiros  
As oito horas chegaram  
Todos tiraram as selas  
E seus cavalos pearam  
Cearam armaram as redes  
No alpendre se deitaram.

Mas o caboclo não quis  
Pear o cavalo dêle,  
Não quis cear e passou  
A noite encostado a êle  
Dizendo que não o peava  
Não confiava-se nêle,

De manhã todos seguiram  
O caboclo foi na frente  
O coronel notou logo  
Nele um tipo diferente  
E disse se houver diabo,  
É aquêle certamente.

Foram aonde Zé Preto  
Na véspera tinha deixado,  
Naquele mesmo lugar  
Inda estava êle deitado  
Levantou-se espreguiçando,  
E não ficou assustado.

Depois de se levantar  
Cavou o chão e urrou,  
O urro foi esquisito  
Que tudo ali se assustou  
O cavalo do caboclo,  
Cheirou o chão e rinchou.

Tratou o boi de correr  
E subiu logo o oiteiro,  
Por lugar que era impossível  
Subir nele um cavaleiro  
De cinquenta e nove homens  
Só foi lá o tal vaqueiro.

Então o caboclo disse  
Pode correr camarada,  
Vamos ver quem tem mais força  
Se é meu patrão ou a fada  
Eu não chego a meu patrão  
Contando história furada.

Você bem vê o cavalo  
Que eu venho montado nêle  
E conhece meu patrão  
Sabe que o cavalo é dêle  
O boi aí se virou  
E olhou bem para êle.

Ai desceu do outeiro  
Em desmarcada carreira  
Deixando por onde ia,  
Uma nuvem de poeira  
O curiboca gritou-lhe  
Não corra que é asneira.

Então seguiram no campo

Onde tudo se avistava

O cavalo do caboclo

Fogo da venta deitava

Dava sopro na campina

Que tudo ali se assombrava.

O coronel disse a todos

Devemos seguir atrás

Está decidido que ali

Anda a mão do satanaz

Convém agora é nos vermós

Que resultado isso traz.

Bem no centro da campina

Havia uma velha estrada

Feita por gado dali

Porém já estava apagada

Depois com outra variada

Faziam uma encruzilhada.

Iam o vaqueiro e o boi

Pela dita cruz passar

Ali enguiçou a cruz

Eu tinha então que voltar

Devido outros vaqueiros

Não havia outro lugar.

Mas o boi chegando perto

Não quis enguiçar a cruz

Tudo desapareceu

Ficou um foco de luz

E depois dela saíram

Uma águia e dois urubus.

Tudo ali observou

O fato como se deu,

Dizendo que a terra se abriu

E o campo estremeceu

Pela abertura da terra

Viram quando o boi desceu.

Voltaram todos os homens.

O coronel constrangido

O boi e o tal vaqueiro

Terem desaparecido

A terra abrir-se e fechar-se,

Pôs tudo surpreendido.

Julgam que a águia era o boi  
Que quando na terra entrou  
Ali havia uma fada  
Em uma águia o virou  
O vaqueiro e o cavalo  
Em dois corvos os transformou.

O coronel Sezinando  
Ficou tão contrariado  
Que vendeu tôdas as fazendas  
E nunca mais criou gado  
Houve vaqueiros daqueles  
Que um mês ficou assombrado.

Lá inda hoje se vê  
Em noites de trovoadas  
A vaca misteriosa  
Naquelas duas estradas  
Duas mulheres chorando  
Rangindo os dentes e falando  
Onde as cenas foram dadas.

# JÁ SAIU!

## PIADAS de LOUCOS



**PODE LER SOSSEGADO, VOCÊ NÃO FICA  
MAIS DO QUE É...**

**TOQUE!**

**VIOLÃO COM MÉTODO SERESTA**

